

Redes de cooperação para o Desenvolvimento Endógeno

Daniele Taíse Conti (FAHOR) dc000949@fahor.com.br

Marciéle Karine Pauli (FAHOR) mp000946@fahor.com.br

Patrícia Eveline dos Santos (FAHOR) patricia@fahor.com.br

Resumo

Há duas décadas o mundo está caminhando em torno de uma nova ordem econômica mundial conhecida também como globalização, explicado principalmente pelo aumento da concorrência no mercado devido a continuidade de ajustes no sistema produtivo dos locais mergulhadas neste contexto. Com essa globalização surge a necessidade de empresas buscarem o desenvolvimento local e regional endogenamente.

Portanto, este artigo realiza uma breve contextualização do tema Economia Regional, abordando seus conceitos e principais embasamentos teóricos, para posteriormente analisar o desenvolvimento endógeno diante da regionalização da economia. Dedicando especial atenção as causas e fatores indutivos que levam a ocorrência deste fenômeno. Além da apresentação das consequências ocasionadas pelo mesmo. Contudo revelando as transformações em cenários que difundem a sustentação e o protagonismo das localidades. Abordando também a conjuntura e a capacidade de transformação de um sistema produtivo, utilizando o potencial disponível para o território.

Palavras chave: Desenvolvimento, rede e cooperação.

1. Introdução

Acerca de duas décadas, o mundo está caminhando em torno de uma nova ordem econômica mundial conhecida também como globalização. Esse fenômeno traduz-se principalmente pelo aumento de concorrência no mercado, o que implica na continuidade de ajustes no sistema produtivo de países, regiões e cidades mergulhadas neste contexto. Com a globalização, surge a necessidade de empresas buscarem o desenvolvimento local e regional endogenamente com a finalidade de promover o seu acúmulo de capital e o progresso tecnológico, que são considerados fatores-chave para a promoção do desenvolvimento econômico e também da concorrência com outros mercados (BARQUERO, 2001).

Dito isso, observa-se o surgimento de novos paradigmas no que se refere à questão do desenvolvimento regional. Antes esse desenvolvimento era pensado do topo para a base onde se introduziam grandes projetos e políticas na esfera macroeconômica. Atualmente, com a perspectiva de desenvolvimento endógeno, o novo modelo de desenvolvimento é estruturado na esfera microeconômica, ou seja, da base para o topo, partindo das potencialidades dos próprios atores locais. (AMARAL FILHO, 1996).

Segundo Paiva (2006), no que se refere ao crescimento de regiões com baixo grau de dinamismo, os aglomerados de empresas surgem como uma alternativa de promoção do desenvolvimento regional e endógeno. Dentre os diversos tipos de aglomerados estão os distritos industriais, *clusters* e arranjos produtivos locais. Estes aglomerados enfocam grupos de empresas em torno de atividades afins dentro de um mesmo espaço geográfico.

Em um contexto de constantes transformações econômicas, organizacionais, tecnológicas e institucionais busca-se neste estudo compreender, se existem na região fronteira noroeste organizações em forma de redes de cooperação para a promoção do desenvolvimento endógeno frente as transformações atuais?

Diante deste problema este artigo tem como objetivo analisar a existência e a formação de redes de cooperação na região Noroeste Colonial e se as mesmas são promotoras do desenvolvimento endógeno, além de destacar a importância do incremento vinculado a cada localidade em desenvolvimento de acordo com a potencialidade apresentada. A competitividade das empresas nos mercados diante do entorno produtivo do qual fazem parte. E Analisar o sistema de inclusões de contatos que vinculam as empresas entre si, ponderando relações entre atores locais tornando possível a obtenção de conhecimentos relacionados a bens materiais e ou tecnologia.

Para tanto justifica - se que o desenvolvimento regional concentra forças para a construção de um verdadeiro processo de reestruturação. Para a posterior criação de um ambiente favorável à geração de economias de escala e a redução dos custos de transação, bem como o crescimento econômico. Dito isso revela-se que esta pesquisa proporcionará esclarecimentos em relação à compreensão das formas de organização dos sistemas produtivos dos países em constante transformação, os quais utilizam o potencial de desenvolvimento existente, mediante investimentos concretizados através de empresas e entidades públicas.

2. Revisão da Literatura

A presente seção faz uma breve contextualização do tema, Economia Regional, circundando além deste, o processo de Desenvolvimento Endógeno. Através de estudos, informações e relatos relevantes discutidos e apresentados no Brasil referente a este tema. Utilizando dados, elucidações e embasamentos teóricos a cerca do assunto.

2.1 Economia Regional

De acordo com Souza (2006), a Economia Regional busca compreender a introdução do elemento espaço na análise econômica, bem como problemas localizados que envolvem separação espacial, tais como a estruturação dos parques industriais locais e regionais e os meios de comunicação entre dois ou mais centros urbanos.

O mesmo autor destaca que a análise efetivada é a análise insumo-produto que tem como base uma matriz de coeficientes técnicos de produção que se identificam por indústria ou por áreas de atividade econômica. Bem como a teoria espacial dos preços que introduz no espaço a teoria dos preços, enfatizando a

mudança no preço para um bem homogêneo que será alterado no nível de equilíbrio, e variará entre localizações diferentes.

Já segundo (BUARQUE, 2008) esta ciência deduz algumas teorias que reafirmam seu contexto, como a teoria do multiplicador, e o modelo empírico, que estão associados à teoria da base econômica, onde seu conceito é similar ao da macroeconomia tradicional; salientando a necessidade de definir as atividades exógenas situadas fora da economia regional ou que dependem de forças externas, como as exportações; observando o desenvolvimento histórico da base econômica, em busca da satisfação de suas necessidades.

No entanto quando se trata dos pólos de crescimento, diversos métodos de análise podem ser considerados. Determinando os pontos fortes de relações e os pontos de estrangulamento que dificultam os contatos entre os pontos, considerando que os atores possuem as fontes de seu próprio crescimento, (HILHORST, 1975).

2.2 Desenvolvimento Endógeno

O paradigma da globalização percorre o mundo no atual cenário econômico revelando aos mercados, formas mais flexíveis de organização da produção, para a posterior acumulação de capital. Arrojando um processo de abertura externa que impulsiona o desenvolvimento regional (Boisier 1996).

Prosseguindo neste contexto Barquero (2001) defende que a globalização é considerada como um processo vinculado ao território, onde, a condição econômica das regiões é afetada pelo comportamento dos atores locais. Sendo que o ajuste produtivo depende das decisões sobre investimento e localização. E estaria dando lugar a uma nova ordem internacional e uma nova divisão internacional do trabalho.

Nesta conjuntura parte-se ao conceito de desenvolvimento, que segundo observações de Mairata (2011), é um processo pactuado, que difunde a inovação e a organização no sistema produtivo, acentuando a dinamicidade e a competitividade.

Já segundo a posição de North (1959) *apud* Paiva (2006), a medida da eficácia da produção básica para o desenvolvimento é a manifestação e a consolidação de um amplo e diversificado segmento elaborador de bens não básicos na região. Além das impetras de insumos e de bens finais, associadas ao desenvolvimento regional da produção de bens básicos e não básicos, devem conduzir a uma crescente diversificação da produção agropecuária, industrial e de serviços, o que se traduzirá na diversificação e na urbanização da pauta de exportação regional.

Neste sentido Barreto (2011), destaca que desenvolvimento local leva em conta as características locais de diversas formas, seja fortalecendo, descobrindo ou fomentando. No sentido do fortalecimento das características locais e do fortalecimento do capital social, acontece o desenvolvimento endógeno. Dando ao conceito de rede um valor analítico que serve para explicar processos que estão baseados nas relações entre as empresas e o território.

Conforme o site do programa Desenvolver –RS, do Rio Grande do Sul, essas redes reúnem empresas que possuem objetivos comuns, em uma entidade juridicamente estabelecida, mantendo a independência e a individualidade de cada participante. Assim a formação de redes, permite a realização de ações conjuntas que facilitam a solução de problemas comuns e viabilizam novas oportunidades,

alcançando objetivos como reduzir custos, dividir riscos, conquistar novos mercados, qualificar produtos e serviços e ter acesso a novas tecnologias.

Contribuindo para com isso, Buarque (2008), destaca que o desenvolvimento local estrutura-se principalmente sob, a organização da sociedade, contribuindo para a formação de capital social local, combinada com a formação de espaços institucionais de negociação e gestão, bem como da agregação de valor na cadeia produtiva e da reestruturação e modernização do setor público local. Neste sentido o desenvolvimento local no mundo globalizado exige a formação de associações, redes, consórcios, envolvendo pessoas, empresas e organizações territoriais, fato que tem se difundido por todas as áreas e regiões.

[...] A estratégia de desenvolvimento regional está baseada em uma abordagem territorial do desenvolvimento. A história produtiva de cada localidade, as características tecnológicas e institucionais do meio e os recursos locais condicionam o processo de crescimento. Desta forma, desenvolver uma região requer utilizar os fatores endógenos ao território, sem abrir mão dos fatores externos. Promover o desenvolvimento regional (ou local), finalmente, não significa somente privilegiar grandes empreendimentos industriais, mas sim em incentivar todos os projetos que façam uso do potencial de desenvolvimento e realizem o ajuste progressivo do sistema econômico local a fim de dotar os sistemas produtivos locais dos serviços necessários para resolver seus problemas de competitividade (BRUM; BEDIN 2003).

Neste contexto Barquero (2001), afirma que o processo de desenvolvimento endógeno desponta como um artifício de crescimento econômico, sendo arquitetado principalmente sobre os recursos localmente disponíveis, ou seja, utilizando seu próprio potencial para deste modo, conduzir a melhoria da qualidade de vida da população em geral, integrando o social ao econômico, bem como as potencialidades da ecologia local e da força de trabalho.

Destarte, o desenvolvimento local é apresentado como ponto de referência para um redirecionamento no sentido de qualquer processo de câmbio social. Buscando formas distintas de integrar as identidades culturais com os processos globais. Além de compreender o estudo da diferenciação espacial e das inter-relações nas áreas de um sistema nacional de regiões, confrontando um universo de recursos escassos (SOUZA, 1981).

Por conseguinte na definição de Ribeiro e Santos (2007), o desenvolvimento endógeno vincula-se à dinâmica das cidades e das regiões, à rede de agentes e interesse que lhes dê consistência enquanto comunidades humanas. Compreendendo e fomentando a capacidade localizadora de atores locais.

Ribeiro e Santos (2007), ressaltam ainda que as regiões não são apenas meros espaços geográficos, estas já surgem dotadas de recursos e competências de natureza diversa. Assim, os territórios detêm recursos e geram competências que podem ser usadas para qualificar a região.

Em meio á estas evidências Barquero (2001), traduz o desenvolvimento econômico como uma ocorrência em consequência da utilização do excedente do potencial gerado regionalmente pela incorporação das economias externas nos processos produtivos.

Ainda a este respeito, perpetra-se que é necessário acentuar os fatores determinantes dos processos de acumulação de capital. Salientando, a criação e a

difusão de inovações do sistema produtivo, a organização flexível da produção, a geração de economias de aglomeração e de economias de diversidade nas cidades e o fortalecimento das instituições (BARQUERO, 2001).

Observe a figura 1.1 abaixo, na qual estão relacionados os agentes determinantes do desenvolvimento endógeno para a posterior acumulação de capital.

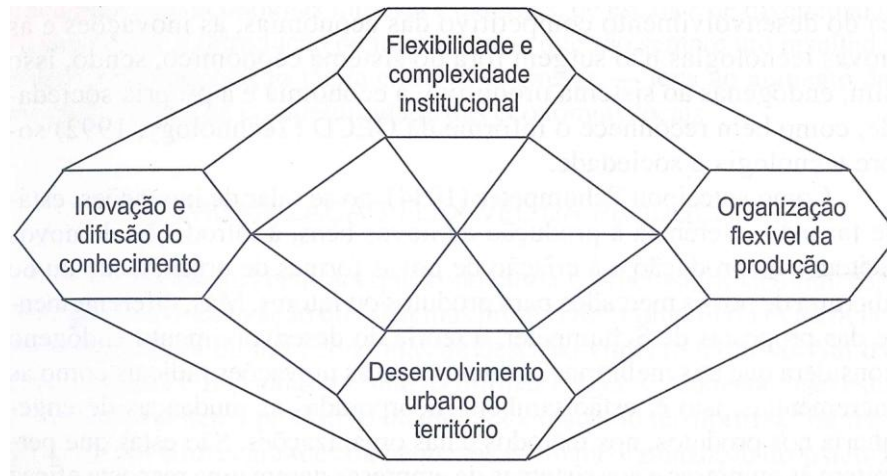


Figura 1.1 Acumulação de capital; Fonte: Barquero, 2001.

A saber, que o incremento de formas alternativas na gestão econômica, através das organizações mediadoras, e a criação de associações e de redes públicas e privadas possibilitam que as cidades e regiões aperfeiçoem suas vantagens competitivas e sejam incentivadoras do desenvolvimento econômico.

2.3 Redes para o desenvolvimento

A partir do crescimento da internacionalização da economia intensificou-se a necessidade da reorganização dos fatores produtivos e os modos de gestão empresarial com a finalidade de compatibilizar a organização com padrões internacionais de qualidade e produtividade. Devido a esse fato, as organizações adotam novas formas de gestão de trabalho, nos seus produtos e nos seus processos de produção, inovando na preocupação de se ajustar com as exigências mundiais.

Diante da visão de Rambo e Ruppenthal (2004), o desenvolvimento local e regional deve ser enfrentado como um procedimento interligado, cooperativo e auto-sustentável. Onde a resposta das Organizações às modificações do mercado exige uma revisão das estratégias e a reorganização dos processos produtivos. Desta forma, para afrontar os desafios do mercado e adequar o desenvolvimento, as organizações vêm formando redes de cooperação com a desígnio de alavancar a sua competitividade.

Diante deste contexto, um dos pontos centrais da teoria do desenvolvimento endógeno reside no fato de os sistemas de empresas locais e as relações entre as empresas parceiras formarem um dos mecanismos através dos quais se produzem os processos de crescimento e mudança estrutural nas economias locais e

regionais. Para de esta forma ocorrer rendimentos crescentes quando as relações e a interação entre empresas possibilitam fazer uso das economias de escala ocultas nos sistemas produtivos e nos centros urbanos, o que configura um dos potenciais do desenvolvimento econômico local (DALABRIDA; BÜTTENBENDER, 2007).

Portanto, a forma de organização das empresas locais, às quais pode ser aplicada a noção de rede, é uma imagem das relações entre empresários e empresas. Onde pesquisas sobre a capacidade empresarial e as pequenas e médias empresas, deram ao conceito de rede um valor sintético que transcende a simples imagem, convertendo os modelos de rede em um instrumento útil para explicar fenômenos como a dinâmica das organizações empresariais e dos sistemas produtivos locais, como menciona Barquero (2001).

Prosseguindo nesta ideia o mesmo relata ainda que:

A atividade econômica, social e institucional está baseada nas relações entre indivíduos, empresas e organizações, razão pela qual pode ser identificada uma grande variedade de redes. Assim, existem as redes pessoais e as redes que as empresas estabelecem com os agentes do entorno próximo e que se caracterizam por apresentar relações informais ou, mais precisamente, casuais e, às vezes, comerciais. Os sistemas produtivos locais, por outro lado, constituem um tipo especial de rede, marcado pelo forte enraizamento no território e pela manutenção de relações comerciais baseadas sobretudo na confiança. (BARQUERO, 2001).

Para tanto uma rede pode ser definida como o sistema de relações que conectam as empresas entre si e cujo conteúdo está relacionado a bens materiais, informação ou tecnologia. Onde na ótica da atividade econômica, ela seria instituída pelas relações entre empresas ou entre empresários que tornam possíveis as trocas de bens ou de informações que acionam conhecimentos (MALECKI e TOOTLE, 1996 *apud* BARQUERO, 2001).

Dito isso, Dalabrida e Büttendbender (2007), afirmam que a economia local e regional é alavancada através do desenvolvimento de redes, mesmo que estas tiverem um caráter apenas de sobrevivência e menor potencial de crescimento. Salientando que as mesmas realizam uma aglomeração de várias unidades atuando no mesmo setor ou em setores sinérgicos, trazendo oportunidades para a comunidade.

Perante isso, na ótica do desenvolvimento econômico e da atividade empresarial, é importante estabelecer, em termos concretos, a distinção entre redes pessoais e redes de empresas. As primeiras fornecem informação e, eventualmente, proporcionam os recursos necessários à formação e à operação inicial de uma empresa, colaborando, também, para as trocas de bens e de conhecimentos nos sistemas produtivos locais. As redes de empresas, por seu turno, contribuem com informações sobre negócios, assessoramento técnico, recursos financeiros e materiais e, inclusive, permitem firmar alianças estratégicas visando enfrentar outras empresas e grupos rivais (BROWN BUTLER, 1993 *apud* BARQUERO, 2001).

Nas redes industriais, as atividades e recursos desempenham um papel central, estabelecendo relações de interdependência, no sentido de os resultados de cada atividade da rede exercer influências sobre as demais, prossegue Barquero (2001).

Em decorrência das relações econômicas, as redes mantêm uma forte dinâmica interna, determinadas pelos intercâmbios entre atividades e em função do caráter aberto do sistema, o que gera sua constante reorganização. Uma vez que as mudanças se dão de forma lenta, as redes usufruem de certa estabilidade, possibilitando que as empresas atendam às demandas oriundas dos mercados e se adaptem às condições de negócios em progressiva transformação (RAMBO; RUPPENTHAL 2004).

Segundo Barquero (2001), a formação e expansão de redes de empresas ocupam uma posição central nos processos de desenvolvimento endógeno, as relações entre empresas contribuem para a troca de produtos e serviços entre as mesmas, bem como de conhecimentos tecnológicos e de pautas de comportamento. As redes de empresas, com base na confiança mútua, estimulam a interação entre empresas e empresários, o que permite fazer aflorar as economias externas ocultas.

Contudo, para que determinadas ações tenham sucesso, é necessário propiciar um ambiente favorável ao desenvolvimento da região, seja através de obras de infraestrutura, da qualificação do ensino e da cidadania e, fundamentalmente, de ações empreendidas no campo tecnológico. (BOISIER, 1996)

Seguindo essa linha, segundo Rambo e Ruppenthal (2004), as principais razões que induzem as empresas a adotarem estratégias de cooperação com formação de redes de cooperação ou arranjos produtivos locais estão centradas em maior penetração nos novos mercados, competição através de maior tecnologia, pesquisa ou desenvolvimento, inovação e lançamento de novos produtos, aumento do poder de competitividade em seus setores, diminuindo custos e rompendo barreiras em mercados emergentes.

Onde Boisier (1996), acrescenta que diante vários estudos empíricos, os principais componentes das redes regionais de interação sinérgica são as instituições de educação e de treinamento, consultoras de administração e tecnologia, capital de risco, capital de trabalho. Onde o governo deve apresentar-se perante o desenvolvimento local como um fator chave na conformação dos aglomerados sinérgicos porterianos.

Neste aspecto, observa-se a figura abaixo, que ilustra o modelo de suporte a uma rede de cooperação proposto por Rambo e Ruppenthal (2004).

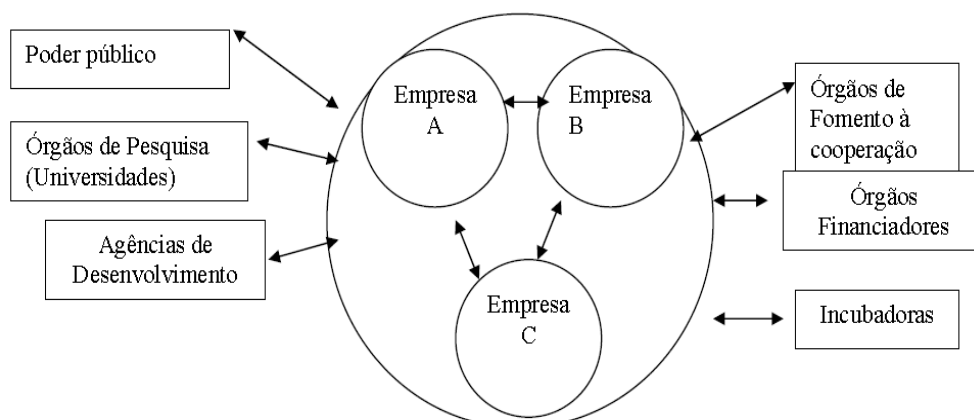


Figura 1.2 Modelo de suporte a uma rede de cooperação; Fonte: Rambo e Ruppenthal, 2004.

Mediante a figura a cima verifica-se diante da visão de Rambo e Ruppenthal, (2004) um modelo de suporte correspondente a uma rede de cooperação. Envolvendo órgão de uma determinada região.

3. Métodos e Técnicas

A pesquisa foi desenvolvida sob relatos e informações extraídas de Artigos Científicos, de consultas a dados da Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa (SESAMPE), da Fundação de Economia e Estatística (FEE), bem como de consultas a livros, revistas e sites referentes a temática do assunto trabalhado.

O estudo construído foi de caráter bibliográfico, possibilitando rápida obtenção das informações requeridas sob consultas a material já elaborado. Contudo o estudo caracteriza-se como exploratório, pois aborda diferentes posições e explicações sobre um determinado tema. Contudo para elaboração do mesmo partiu-se de leituras exploratórias, analíticas e interpretativas para possibilitar formação de tomadas de decisões e entendimentos sobre o tema.

O presente trabalho se insere no campo do desenvolvimento local, a partir de potenciais localizados em cada região.

A pesquisa é aplicada a nível regional, mais especificamente região noroeste do Rio Grande do Sul, todavia no decorrer do desenvolvimento do trabalho encontram-se abordagens e definições gerais inerentes ao tema abordado, para que torne possível um maior entendimento do assunto em questão.

4. Redes de Cooperação na região Noroeste

Conforme Rambo e Ruppenthal (2004), as redes de cooperação de pequenas e médias empresas existentes na região noroeste, apresentam vantagens relacionadas principalmente aos fatores decorrentes de alta intensidade de mão-de-obra e a necessidade de pouco capital, proporcionando uma boa relação entre o capital investido e a mão-de-obra empregada.

Prosseguindo os mesmos mencionam que os problemas enfrentados pelas pequenas e médias empresas desta mesma região estão ligados à deficiência de gestão, baixo poder de negociação, estratégias de mercado impróprias para a localidade, dificuldade de acesso ao crédito, capital de giro escasso, insuficiência de capacitação gerencial, além do pouco planejamento.

Neste mesmo contexto ainda, a política de cooperação presente nas empresas desta localidade, individualiza os pólos, pois, ocorre o agrupamento de inúmeras organizações que atuam no mesmo setor e ou em setores que apresentam sinergia mútua. Onde as redes formadas nos últimos períodos estão relacionadas a setores de supermercados, farmácias, padarias, indústrias de móveis, construção civil e indústria do vestuário (RAMBO E RUPPENTHAL, 2004).

Conforme a SESAMPE-RS (2011), a Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa é o órgão que está atuando na organização das Redes de Cooperação no Rio Grande do Sul, propondo como ideia central reunir empresas com interesses comuns em Redes de Cooperação, constituindo uma

entidade juridicamente estabelecida, sem quotas de capital, que mantém a independência legal e a individualidade de cada empreendimento participante.

Onde a intenção do programa é de que as empresas integradas possam conseguir amortizar custos e riscos, difundir novos mercados, rotular produtos e serviços e acessar novas tecnologias, comprovando a idéia de que o todo é maior que a soma das partes. O Programa tem se destacado pela sua potencialidade no fortalecimento das micro e pequenas empresas (Decreto 45.273 de 04.10.07), por garantir melhores condições de concorrência frente às atuais exigências competitivas dos mercados.

Deste modo, o objetivo geral do programa é fomentar a cooperação entre empresas, gerar um ambiente estimulador ao empreendedor e fornecer suporte técnico necessário à formação, consolidação e desenvolvimento das Redes. Possuindo abrangência estadual. Sendo coordenado pela SESAMPE, através do Departamento de Apoio à Microempresa e Empresas de Pequeno Porte, e executado regionalmente de forma articulada com as Universidades.

Através de parcerias, as universidades disponibilizam os consultores e sua infraestrutura para execução do mesmo. Sendo desenvolvido e operacionalizado através de Convênios entre o Governo do Estado e Universidades Regionais do Rio Grande do Sul que possuem articulação comunitária nas suas regiões. Nos Convênios fomenta-se e sensibiliza-se a cooperação entre empresas, regional e setorialmente, com vistas à ampliação da eficiência coletiva dos empreendimentos e disponibilizam-se os instrumentos necessários para a formação das Redes. Os consultores são os responsáveis diretos pelo processo de formação e consolidação das redes. São eles que atuam como facilitadores de atividades do grupo e identificam as possibilidades de ações conjuntas para resolução de problemas comuns e para a potencialização de oportunidades do grupo. (SESAMPE, 2011).

As Redes constituídas através do programa proporcionam autênticos aditamentos às empresas integradas, tais como, ganhos de credibilidade no mercado, avalizando maior legitimidade nas ações empresariais e redimensionando a importância da empresa em seu ambiente comercial, novas possibilidades de relacionamentos empresariais, com Universidades, agências estatais e instituições tecnológicas, valorização de marcas, lançamento de produtos diferenciados e marketing compartilhado, redução de custos de produção e riscos de investimento, com compras conjuntas de mercadorias, materiais de expediente, máquinas e equipamentos e acesso a grandes marcas (SESAMPE, 2011).

Para tanto, menciona-se neste quesito as redes que estão localizadas no município de Horizontina, localizado na região noroeste do Rio Grande Do Sul, sendo estas, locadoras de vídeo, Rede Vide Vídeo, em núcleo de expansão, Rede Constuir e lojas de móveis e eletrodomésticos, Rede Toklar (SESAMPE, 2011).

5. Conclusões

O presente trabalho buscou apresentar as variáveis responsáveis pela dinamicidade do desenvolvimento endógeno da região noroeste do Rio Grande do Sul, utilizando para tal, definições e informações a cerca do desenvolvimento regional.

Deste modo conclui-se que perante a globalização as empresas têm a necessidade de buscar a cooperação e a inovação constantemente, e com isso levam ao

desenvolvimento local e regional endogenamente. De tal modo que acabam promovendo o acúmulo de capital e o progresso tecnológico, que podem ser considerados fatores importantes para ao considerar a promoção do desenvolvimento econômico.

As redes de cooperação constituem-se de empresas com objetivos em uma entidade juridicamente estabelecida, mantendo de certa forma o bem-estar e ao mesmo tempo a personalidade de cada participante. Dessa forma, facilitam a aquisição de tecnologias para a produção, proporcionam o desenvolvimento conjunto dos processos de produção, além de permitir o acesso compartilhado a conhecimentos e de pesquisa e desenvolvimento, facilitando a solução de problemas e viabilizando novas oportunidades para as empresas.

A inovação pode ser compreendida como uma constante busca de soluções inovadoras, de experimentação, de imitação que levam a novos produtos ou processos de produção, podendo ser entendido também como um processo de aprendizagem com o principal objetivo de aumentar a competitividade e melhorar o posicionamento nos mercados.

Dessa maneira pode-se perceber que formação de redes de cooperação e a constante busca de inovação pelas empresas são mecanismos que permitem às empresas alcançarem o progresso tecnológico e economias de escala, e conseqüentemente o desenvolvimento local e regional.

6 . Referências

- AMARAL FILHO, J. **Desenvolvimento regional endógeno em um ambiente federalista. Planejamento e Políticas Públicas.** n. 14, p. 35-70, dez. 1996
- ALBUQUERQUE, F. **Desarrollo econômico local y distribucion del progreso tecnico.** Santiago: ILPES, 1996.
- AMADEO, Edward J.; CAMARGO, José Marcio. **Liberalização Comercial, Distribuição e Emprego.** Revista de Economia Política, vol. 13, n. 04, p. 58-76, out-dez 1993.
- AMADEO, Edward J., CAMARGO, José M. **Política Comercial e Distribuição Funcional da Renda.** Textos para Discussão, FUNCEX – Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, Rio de Janeiro, n. 58, nov. 1991.
- AMARAL FILHO, Jair do. **A endogeneização no desenvolvimento econômico regional no local.** **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro, n. 23, p. 261-286, junho 2001.
- BARQUERO, Antonio Vásquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização.** Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2002.
- BOISIER, Sergio; **Em busca do Esquivo Desenvolvimento Regional: Entre a caixa-preta e o projeto político.** Disponível em: <http://www.unc.br/mestrado/.../boisier,_s_em_busca_do_esquivo.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011.
- BRUM, A. L.; BEDIM, G. A. **Globalização e desenvolvimento. Algumas reflexões sobre as transformações do mundo atual e as suas implicações no processo de desenvolvimento.** Desenvolvimento em questão. Ijuí, ano 2003, vol. 1, número 002, Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em<<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/752/75210202.pdf>>. Acesso em: 08 de nov. de 2011.
- BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável – metodologia de planejamento.** 4 ed. Rio de Janeiro. ed. Garamond Ltda, 2008.
- DALABRIDA, Valdir Roque; BUTTENBENDER, Pedro Luis. **Gestão, Inovação e Desenvolvimento – Oportunidade e Desafios para o Desenvolvimento da Região Fronteira Noroeste.** Editora

Edunisc; Santa Cruz do Sul, 2007.

DESENVOLVER-RS. **Programa redes de cooperação. Escritório de desenvolvimento regional.** Disponível em: <<http://www.ucpel.tche.br/edr/redes.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

HILHORST, Jos G. M.; **Planejamento regional.** 2º edição; Editora zahar editores.

MAIRATA, Hélio. **Os desafios para a geração de renda no Pará.** Disponível em: <<http://www.jambu.com.br/forumdsepa/index.php/artigos/91-desenvolvimento-endogeno.html>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

PAIVA, Carlos Águedo; **Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas.** Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewArticle/1446>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

RAMBO, Jorge Antonio; RUPPENTHAL, Janis Elisa. **As redes de cooperação no contexto do desenvolvimento local e regional.** Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2004_Enegep0706_1310.pdf>; Acesso em: 15 nov. 2011.

RIBEIRO, J. Cadima; SANTOS, J. Freitas. **Desenvolvimento Endógeno e Política Regional.** Disponível em: <http://www3.eeg.uminho.pt/.../nipe/.../Cadima_Freitas_2005_APDR.pdf>. Acesso em: 20 nov 2011.

SESAMPE. **Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa.** Disponível em: <<http://www.sesampe.rs.gov.br>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

SOUZA, Nali Jesus de; **Economia Regional: conceito e fundamento teóricos.** Disponível em: <http://www.nalijsouza.web.br.com/teoria_econ_reg.pdf>; Acesso em: 15 nov. 2011.